

ENTRE O NARRADO, O LEMBRADO E O VIVIDO: NARRATIVAS DE MEMÓRIA DE MULHERES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTO ANTÔNIO DOS PRETOS, CODÓ-MA

BETWEEN THE NARRATED, THE REMEMBERED AND THE LIVED: MEMORY NARRATIVES OF WOMEN FROM THE QUILOMBOLA COMMUNITY SANTO ANTÔNIO DOS PRETOS, CODÓ-MA

Recebido: 15/10/2022

Aprovado: 15/12/2022
DOI: 10.18817/rlj.v6i2.3006

Publicado: 29/12/2022

Caio da Silva Carvalho¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6904-2733>

Silvana Maria Pantoja dos Santos²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1107-1336>

Resumo: A memória é o mecanismo responsável por guardar o passado do ser humano, em torno das particularidades e coletividades capazes de remontar a identidade, a história e a cultura tanto dos indivíduos em seu íntimo como da sociedade na qual estes se inserem. Quando rememoradas, as vivências do ser humano são evocadas, de modo que possamos refletir sobre os sujeitos com base nesses relatos. Diante disso, o presente artigo analisa os relatos orais de mulheres da Comunidade Santo Antônio dos Pretos, a partir dos vieses memorialísticos que compõem o narrado. O artigo é resultado do projeto “As teias de Ariadne: narrativas de memórias de mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos, Codó - MA”, financiado pela FAPEMA – Edital Igualdade de Gênero nº 07/2016, cuja metodologia pauta-se, primeiramente, em discussões bibliográficas, amparadas nos estudos de Maurice Halbwachs (1990), Ecléa Bosi (2003), Beatriz Sousa (2015), João Batista Machado (1999), entre outros. Em segundo plano, este trabalho se efetiva através de pesquisa de campo, em visitas a Santo Antônio dos Pretos. Desse modo, foram substanciais as observações das rodas de diálogo com as mulheres da comunidade, que evocam suas lembranças cotidianas, metodologia capaz de desvelar subjetividades. Tendo em vista isso, foi possível perceber que a memória é um alicerce imprescindível quando pensamos a história, a tradição e a cultura de um povo. Os relatos orais de memórias das mulheres quilombolas suscitaram a reflexão sobre a construção da identidade destas, bem como as diversas formas de autoafirmação feminina, que as pesadas rotinas de trabalho não foram capazes de apagar.

Palavras-chave: memória; narrativas orais; comunidade quilombola.

Abstract: Memory is the mechanism responsible for keeping the past of the human being, around the particularities and collectivities capable of reassembling the identity, the history and culture of both the individuals within and the society in which they are included. When remembered, the experiences of the human being are evoked, so that we can reflect on the subjects based on these reports. Therefore, this article analyzes the oral reports of women from the Santo Antônio dos Pretos Community, from the

¹ Mestre em Literatura pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI; Professor efetivo de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação em Timon - SEMED; Integrante do Núcleo de Pesquisa em Literatura e Linguagem -LITERLI - da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA; Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: caiocarvalho1980@gmail.com

² Pós-doutorado em estudos da Memória e suas interfaces com a Literatura (PROCAD - AM/CAPES). Doutorado em Letras, área de concentração em Teoria Literária. Profa. De Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão e da Universidade Estadual do Piauí. Profa. dos Programas de Pós Graduação em Letras de ambas universidades. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Literatura e Linguagem – LITERLI. Membro do Grupo de Pesquisa TOPUS. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: silvanapantoja3@gmail.com

memorialistic attributes that make up the narrated. The article is the result of the project "The webs of Ariadne: narratives of memories of women of the quilombola community Santo Antônio dos Pretos, Codó - MA" funded by FAPEMA - Gender Equality Notice No. 07/2016, whose methodology is first based on bibliographical discussions, supported by the studies of Maurice Halbwachs (1990), Ecléa Bosi (2003), Beatriz Sousa (2015), João Batista Machado (1999), among others. In the background, this work is carried out through field research, in visits to Santo Antônio dos Pretos. Thus, there were substantial observations of the wheels of dialogue with the women of the community, which evoke their daily memories, methodology capable of unsealing subjectivities. In view of this, it was possible to realize that memory is an indispensable foundation when we think of the history, tradition and culture of a people. Oral accounts of the memories of quilombola women have raised a reflection on the construction of their identity, as well as the various forms of female self-affirmation, which heavy work routines were not able to erase.

Keywords: Memory. Oral narratives. Quilombola community.

Introdução

Os relatos orais surgiram com o próprio homem, resultando de uma necessidade de explicar fatos, de compreender forças misteriosas que regiam o mundo primitivo, de desvelar a natureza desse homem, num cogitar alimentado pela coesão do grupo. Esse fazer humano teve, desde os tempos remotos, relação com o ato de conhecer a realidade, sobretudo de conhecer a si mesmo, pelo crivo da sensibilidade e da convivência com os membros da comunidade. Por isso, as narrativas de memória, por estarem ligadas à origem do grupo, aos costumes e tradições, às relações de poder, bem como às relações que se estabelecem com o mundo, ganham estatuto de conhecimento, porque caminham junto com a história social e individual.

Sob esse prisma, o resgate do vivido, por meio do processo de rememoração, conjuga fatores sociais, de tal modo que possibilita a reflexão a respeito dos anseios e perspectivas de vida, conferindo uma materialidade observável na forma de potencialidades da linguagem, bem como uma visão de mundo de seus narradores, os quais não se eximem de exteriorizar a cultura de seu povo por intermédio da narração de suas experiências, sobretudo quando privilegiam a forma oral (CANDIDO, 2000). Desse modo, neste trabalho, analisamos as narrativas orais de mulheres negras da Comunidade Quilombola Santo Antônio dos Pretos, Município de Codó-MA, a partir dos vieses memorialísticos que sustentam as narrativas.

Para tanto, pautamo-nos em questões importantes: qual o lugar que as mulheres quilombolas ocupam nas relações de gênero? Que legado as suas ancestrais quilombolas lhe deixaram? Como elas se reconhecem como sujeitos sociais, em torno de sua cultura? Convém ressaltar que a força motriz de revolver o passado suscita a busca pela identidade, autoconhecimento, ritos e superações de

obstáculos, questões tão antigas quanto o próprio homem e tão atuais em tempos contemporâneos.

A fim de alcançar os objetivos almejados, pautamo-nos em duas etapas. Em primeira instância, em pesquisa bibliográfica, fundamentada na visão de Maurice Halbwachs (1990) e Ecléa Bosi (2003), teóricos da memória; na investigação sobre a história de Codó e da Comunidade Santo Antônio dos Pretos, tendo em vista a obra do escritor codoense João Batista Machado (1999), e nas discussões acerca de experiências quilombolas femininas, fundamentadas na obra de Beatriz Sousa (2015). A segunda parte do projeto envolveu a atividade de extensão, centralizada nos encontros com as mulheres da comunidade, de modo que foram observadas as dinâmicas, as rodas de conversas e outras atividades que promoviam os relatos orais das quilombolas pertencentes ao *lócus* supracitado. A pesquisa foi realizada com um total de aproximadamente 30 mulheres, sendo 20 com idade entre 50 e 83, e 10 entre 14 e 40 anos.

Quanto à justificativa, o trabalho traça um relevante mecanismo mediante os dias atuais, porque possibilita a reflexão das formas de violência simbólica direcionadas a grupos cujas culturas são tão ricas, mas que lutam contra a desvalorização na contemporaneidade. Nessa perspectiva, o trabalho oferta uma análise da cultura e da história da comunidade que descende de quilombos, a fim de pensar a importância da (re) afirmação – cultural, histórica e identitária – por meio dos desdobramentos memorialísticos que circundam a narrativa oral.

Entre o narrado, o lembrado e o vivido: narrativas de memórias de mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos, Codó – MA.

Atualmente, muito se fala a respeito de liberdade e de autoafirmação feminina. Por muito tempo, as pesquisas centradas nas mulheres foram emudecidas, realidade que tem mudado gradativamente, graças ao processo de emancipação feminina. Isto é, de como a mulher começa a se perceber, e qual seu papel nas relações sociais. Em enlace a essa necessidade, a memória, enquanto responsável por guardar as experiências individuais e coletivas de um povo, é um fator importante para se pensar o passado, em torno da composição de história, identidade e cultura.

Nesse sentido, as narrativas orais de mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos são analisadas a partir da dinâmica de vida delas próprias,

de modo a considerar a tessitura de suas lembranças. Isso possibilita uma reflexão acerca do papel que elas exercem na comunidade local, bem como na sociedade de modo mais amplo, evidenciando a forma com que as quilombolas pensam e se veem em torno da cultura de seu próprio povo.

A Comunidade Santo Antônio dos Pretos está localizada a 44 km da Cidade de Codó – MA, uma das principais comunidades quilombolas da Região dos Cocais. Ela é constituída de aproximadamente 47 famílias, sendo vista como o berço cultural do Terecô – pajelança afro-indígena – com forte tradição no Maranhão. Em planos territoriais, Santo Antônio dos Pretos integra uma área que envolve também a Comunidade quilombola Barro Vermelho e Vista Alegre.

As mulheres da comunidade Santo Antônio dos Pretos exercem diversos trabalhos em seu cotidiano. Estas vão além de atividades domésticas. No que se refere ao provimento do sustento, as quilombolas executam funções no que toca o plantio, o desenvolvimento e a colheita em pequenas hortas, lavouras e até roças. Ademais, também atuam em suas manifestações religiosas, assim como na participação da liderança familiar, cujo costume descende da matrilinhagem. Nas sociedades africanas, “o conceito de matriarcado destaca o aspecto da complementaridade na relação feminino-masculino ou a natureza do feminino e masculino em todas as formas de vida, que é entendida como não hierárquica” (DOVE, 1998, p. 8). Desse modo, as mulheres são demasiado importantes para o funcionamento dos lares.

Adelmir Fiabani *et al.* (2017), também, trazem a ideia de que as atividades controladas por mulheres não são novas, já que as africanas vindas para o Brasil sob cativeiro não se limitaram a ser meramente mulheres “de cozinhas e afazeres domésticos”. Ao contrário disso, eram atuantes no trabalho, em manifestações religiosas, dentre outras formas que conduzem a sociedade:

Na maioria das sociedades africanas, às mulheres cabia a tarefa de plantar, cuidar, regar, e colher as plantas. Se não bastassem, eram elas que vigiavam os animais domésticos, encontravam tempo para fiar, tecer, produzir objetos de barro, vender e negociar. Além disso, eram mães, cuidavam da casa, preparavam os alimentos, zelavam pela higiene do ambiente e ocupava-se da criação/educação dos filhos. Vaidosas, não se esqueciam de arrumar os cabelos, maquiagem o corpo, vestir adereços, irradiar beleza e energia. (FIABANI *et al.*, 2017, p. 14).

Nesse sentido, a autonomia que as mulheres africanas possuíam é prenunciadora. Isso porque, enquanto as mulheres europeias eram obedientes aos seus cônjuges e às igrejas, as africanas desfaziam casamentos, administravam reinos, tinham uma participação ativa no comércio, assim como na família.

Na viagem à Comunidade, ocorrida em 12/05/18, exibimos algumas imagens de casais exercendo determinadas tarefas tanto do lar, quanto fora dele, além de imagens envolvendo vaidade, educação, saúde, dentre outras temáticas. Nosso objetivo foi levá-las a narrar sobre como se viam nas atividades e o que achavam das funções que competiam a elas na comunidade.

A partir da conversa sobre as responsabilidades cotidianas, percebemos que as mulheres quilombolas tinham uma posição ativa no lar: em quase todos os relatos, foi unânime o pensamento de que tanto o homem quanto a mulher possuíam o direito à educação e o dever com a educação dos filhos. Com relação aos afazeres domésticos, a minoria disse que contava com a contribuição do marido, ainda que a vontade de todas fosse que a ajuda masculina nos afazeres do lar se desse de maneira efetiva.

No que concerne à responsabilidade com o sustento do lar, as mulheres reconheceram a necessidade de ajudar na lavoura, na plantação e na colheita, principalmente na organização do trabalho, assim como disseram que são responsáveis pelo preparo e pela condução do alimento aos trabalhadores. Elas reconhecem, ademais, que não possuem a mesma quantidade de horas de trabalho que os seus companheiros, visto que ainda têm seus “que-fazer” em casa quando chegam da roça.

Com as respostas colhidas, percebemos que as mulheres se veem responsáveis pelas atividades do lar e pela educação dos filhos, além de contribuir com o provimento diário, comprovando que se autoafirmam como importantes para/na comunidade quanto ao aspecto econômico, familiar e cultural. Isso nos permite constatar que possuem e reconhecem seu devido valor dentro da comunidade quilombola.

A pesquisadora Beatriz de Jesus Sousa, em seu livro *Tramas de gênero* (2015), nos mostra um estudo referente às mulheres artesãs e seu cotidiano, no município de São Bento. Nele, é possível perceber que há um impasse amenizado aos poucos, a saber: a subordinação errônea da classe feminina mediante a masculina. Assim, conforme argumenta Beatriz Sousa (2015), ao passo em que as artesãs entendem

que a renda de suas famílias é pouca, elas também reconhecem o fato de que produzir redes lhes dão uma forte sensação de independência mediante o contexto social:

Classe e gênero são marcadores de um estilo de vida em que o trabalho está articulado à necessidade de sobrevivência, mas que transcende essa economia através da busca de autonomia financeira, a qual pode significar uma reação à matriz de inteligibilidade sustentada na subordinação das mulheres aos homens. (SOUSA, 2015, p. 45).

Posto isso, esse embate nos possibilita refletir como essas mulheres se representam nos fatos sociais na comunidade quilombola e que papéis estas assumem. Os afazeres “competentes” ao seu gênero remontam a um estilo de vida capaz de elevar a sua renda financeira a uma nova visão que valoriza sua verdadeira identidade. No que concerne à Comunidade Santo Antônio dos Pretos, as mulheres atuam efetivamente nesse embate de sobrevivência. Por meio dos relatos orais, é perceptível que as próprias mulheres atuam no processo de lavoura, do plantio, de colheita de alimentos como o arroz que vai às suas mesas para a família. Esse fato nos possibilita pensar que, apesar dessa tarefa ser comumente atribuída a homens, as mulheres buscam sua autonomia, não apenas no sentido financeiro, mas remontando essa reação à matriz de subordinação.

O papel da mulher na obra *Tramas de gênero* ressignifica e subverte a estrutura patriarcal à qual as mulheres eram submetidas, uma vez que elas tinham um papel essencial na economia da cidade, cultural e na própria renda familiar. Ser rendeira ou rendeiro na baixada maranhense significa ser mulher, de forma que até os homens atrelados a esse meio de produção sofrem preconceitos e são caracterizados como abjetos.

A tecelagem desenvolvida pelas mulheres caracteriza-se de um trabalho repetitivo, seguido de técnicas adquiridas de uma geração para outra. O primeiro impacto sofrido pelas mulheres é cultural, o que gera a quebra geracional. Para Sousa (2015), os jovens que se encontram em São Bento já não são motivados a exercer o ofício de fazer redes, devido à desvalorização econômica e cultural e à busca por oportunidades para estudar fora da cidade, conseqüentemente de melhores condições de vida. O segundo impacto é a constante importação e produção de redes industrializadas, que são comercializadas em menor preço desvalorizando, assim, o trabalho artesanal das rendeiras.

As mulheres da Comunidade Quilombola Santo Antônio dos Pretos possuem apreço por certas práticas que se aproximam do artesanato. São mulheres encantadas com tecidos coloridos, saias longas e turbantes. Inclusive esses tecidos são usados em suas práticas religiosas. Em uma de nossas visitas, (02/12/2017), levamos alguns tecidos para serem sorteados (Fig. 1), e foi perceptível a alegria que as mulheres sentiram com essa atividade, pois não são apenas meros tecidos, mas objetos que completam a cultura de seu povo.

Figura 1 – Momento dos presentes, seguido da dança com tecidos



Fonte: arquivo do projeto.

Ecléa Bosi, em seu livro *O tempo vivo da memória* (2003) nos fala sobre a história oral, a qual privilegia esse tipo de narrativa, sem desconsiderar a importância das histórias oficiais. As narrativas orais decorrem de diferentes visões que cada um tem, mediante suas vivências e impressões. A teórica acrescenta discussões acerca da memória coletiva, salientando que esta age diretamente sobre a memória individual. Aparentemente, há uma “narrativa coletiva privilegiada no interior de um mito ou uma ideologia. Esta narrativa explicadora e legitimadora serve ao poder que a transmite e a difunde” (BOSI, 2003, p. 17-18).

É inegável que apesar do risco das ideologias nas narrativas coletivas, há substâncias memorialísticas que podem surgir de maneira transparente nas

biografias. Bosi (2003) fala sobre o tempo que se perde com burocracias cotidianas que são de menor importância biográfica, as quais denomina de tempo morto.

Nesse ínterim, a sociedade moderna de estrutura capitalista incentiva o desvencilhamento de objetos considerados arcaicos, muitos deles de valor afetivo, o que Bosi (2003) denomina de objetos biográficos. Esses objetos acompanham seus donos e estabelecem laços com os indivíduos, a partir de suas experiências. Rememorar tais experiências suscita lembranças de momentos relacionados aos utensílios que, segundo a autora, envelhecem junto com o seu possuidor e tornam-se elementos de suma importância para a construção de sua identidade.

São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se encorpam à sua vida; o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador. (BOSI, 2003, p. 26).

Assim, objetos são como gatilho para as memórias do passado, pois este guarda histórias individuais e coletivas que remontam experiências de afetos e desafetos do ser humano. Assim, tais utensílios contribuem para as lembranças do passado, suscitando identidade e cultura de um povo.

Na visita do dia 14/10/2017, tivemos uma surpresa feliz: compareceram aproximadamente 24 mulheres, com suas vestimentas e turbantes coloridos, suas maquiagens de diversos tons, seus sorrisos cativantes. De início, as mulheres se mostraram tímidas e, ao mesmo tempo, curiosas, isso nos deixou tensos, pois almejávamos uma aproximação imediata.

Realizamos a roda Griô³ (Fig. 2), expondo vários objetos no centro do local do encontro, que pudessem servir de gatilho para a memória (chapéu de palha, fotografia, pilão, colher de pau, boneca, dentre outros). A proposta era que cada uma escolhesse um elemento e, a partir dele, representasse uma lembrança por meio de sua própria oralidade, de forma livre e espontânea.

Por meio dos relatos orais das mulheres da comunidade, percebemos que são mulheres que tiveram uma infância marcada pelo trabalho doméstico, nas lavouras, na quebração de coco, no plantio e colheita do alimento, mas que também tiveram

³ Termo de origem africana que tem como propósito reunir pessoas para contação de histórias. Barzano (2009) reconhece a importância desse mecanismo para a transmissão de saberes e perpetuação da história e cultura de um povo.

liberdade para serem criança, uma vez que puderam brincar nos espaços da comunidade.

Figura 2 – Atividade (Roda Griô)



Fonte: arquivo do projeto.

Dona E⁴ pegou uma pequena boneca e rememorou o seguinte acontecimento: “Essa boneca me lembra quando eu era pequena, não existia boneca aqui, então a gente pegava filhote de milho, com aquele cabelo loirinho, sabe? Aí colocava no sabugo, fazia as roupinhas e pronto: ali era nossa boneca”. Percebemos que, apesar de uma vida simples, desprovida de bens e conforto material, suas histórias foram narradas com alegria e afeto. O modo como as reminiscências fluíram revelaram o apreço que as mulheres tinham pelas vivências narradas.

Outro exemplo de lembrança que envolve um acontecimento simples, porém revelador de identidade e cultura, é o depoimento de dona M. Ao se aproximar da roda e pegar um pilão, lembrou que desde pequena trabalha na pilação de arroz: “Dava trabalho, mas a gente era feliz, aquele arroz era muito mais gostoso do que o de hoje”. Dessa maneira, os relatos orais nos permitiram inferir sobre a importância da memória para a valorização de vivências individuais e coletivas, tendo em vista tanto os significados mais íntimos quanto os sociais, pois remontam a identidade de um povo.

A autoafirmação das mulheres de Santo Antônio dos Pretos é um fator muito importante em nossas análises, posto nosso objetivo de refletir em como essas mulheres se veem em torno de seus espaços culturais de vivências. Na visita do dia 02/12/17, realizamos a dinâmica do espelho, que consistia em levá-las ao reconhecimento de si, a partir da própria imagem refletida no espelho. Indagamos

⁴ Preferimos citar apenas as iniciais dos nomes das mulheres a fim de preservar as suas identidades.

sobre como cada uma se via no próprio reflexo, a fim de pensarmos sobre autoafirmação das mulheres inseridas no contexto da comunidade.

Com a dinâmica, percebemos que, apesar das lidas domésticas que abarcam o preparo do alimento para os trabalhadores, no plantio ou colheita do arroz e de outros gêneros alimentícios, malgrado também do trabalho braçal, são mulheres que não perderam a vaidade: “Eu adoro a mulher que eu vi, porque tenho que dar valor pra essa mulher”, disse uma delas. Essa fala nos permitiu refletir sobre a visão que elas têm de si próprias, reconhecendo seu valor na comunidade quilombola.

Outro fato que remete à autoafirmação ocorreu após a fala de uma senhora, que, diferente das demais, por distração do grupo, não foi aplaudida após o seu relato oral de experiências. Quando percebeu a falta de aplausos, a senhora questionou a ausência de palmas, exigindo a valorização do que acabara de narrar.

Desse modo, as mulheres se reconhecem importantes. Cientes de seu papel na comunidade, vão além dos estigmas, preconceitos e subestimação. Para melhor entendimento do papel desempenhado pelas mulheres negras da comunidade estudada, faremos uma abordagem sobre o passado de quilombolas, tratando de suas fugas como uma forma de resistência feminina, suscitando um modo de visão de si mesmo que as mulheres quilombolas possuíam, não se subjugando a ordens ditatoriais, mas lutando contra o sistema e que são reafirmadas por meio das formas de relatos orais.

A resistência feminina se dá quando a mulher busca sua liberdade, ainda que rodeada de fatores que a nega. Isso ocorre quando essas mulheres conhecem seus direitos, e passam a manter-se firme em seus posicionamentos, combatendo as diferentes formas de subjugação, escravidão, centralização de poderes. Essa resistência possui ainda mais vigor quando há a possibilidade de narração das experiências por meio da fala ou mesmo da escrita.

Em 1834, na região de Pelotas (RS), havia uma comunidade quilombola chamada “Manuel Padeiro”, composta por 12 fujões: 11 homens e a “mulata” Rosa, cativa de um comendador Boaventura Rodrigues Barcellos. Rosa lutou contra sua condição de cativa, buscando sua liberdade:

A mulata Rosa [...] seria uma decidida quilombola. Vestida de homem e com duas facas na cintura, participava ativamente dos ataques calhambolas. Segundo parece, ela não possuía um companheiro fixo. Rosa morreu,

resistindo ao primeiro ataque reescravizador, em 16 de abril de 1835. (MAESTRI, 1996, p. 308).

A fuga da importante dona Rosa nos permite refletir em como a mulher quilombola se via resistente. Ainda que rodeada de ameaças de senhores e de violência de capangas, não se deteve em aceitar a condição de presa, reconhecendo seu valor e buscando sua merecida liberdade.

Para além dessa perspectiva, os feitos de grandes mulheres de outrora ficam marcados na memória, de forma que tais feitos são perpetuados na história das comunidades. Essa memória influencia a continuação da busca de direitos, ao passo que contribui para a história do meio social. A história da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos também é construída por meio da memória dos habitantes, que são perpassadas sob narração oral de tais vivências.

A memória é este conjunto de articulações humanas que remontam reminiscências de um passado, um mecanismo psicológico com a capacidade de guardar sentimentos, percepções, emoções, traumas como nos disse Jacques Le Goff (1996). Maurice Halbwachs (1990) traz um estudo que nos permite diferenciar memórias individuais de coletivas. A memória coletiva possui características mais abrangentes. Para Halbwachs, a memória coletiva é vista como um conjunto de recordações construídas em determinado grupo, que vai além do individual, passando a ser ideias que se constroem social e coletivamente: “Se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais [aquele da] consciência pessoal” (HALBWACHS, 1990, p. 53-54).

Nesse sentido, as mulheres quilombolas antepassadas ganharam espaço na memória e história dos habitantes do lugar, pois se consagraram pela sua bravura, resistência, sobre o modo como se viam, e jamais serão esquecidas. Na comunidade Santo Antônio dos Pretos, há um espaço reservado às manifestações religiosas das mulheres. O terreiro é um ambiente importantíssimo para elas, pois é neste que ocorre uma de suas maiores tradições: o terecô, cuja tradição é mantida com muito respeito e dedicação.

O espaço possui algumas fotografias que exibem mulheres representativas da liderança feminina, como a de A.M., primeira presidente do Salão, que faleceu aos 82 anos de idade. Após o seu falecimento, V.M., sua filha, assumiu a presidência. As

fotografias também são formas de reconhecimento cultural da comunidade, as quais nos possibilitaram refletir sobre a valorização de suas antepassadas, reconhecendo que foram mulheres importantes nas atividades do grupo. As imagens remetem ao legado memorialístico das mulheres da comunidade, valorização da memória coletiva defendida por Halbwachs (1990). O legado é passado de geração em geração, uma forma de preservação cultural atrelada à resistência feminina e que, como presenciamos nas visitas, tal legado é reafirmado por meio da narrativa oral.

Em contrapartida, a memória individual é defendida numa relação à intuição sensível e subjetiva, como de uma lembrança íntima de cada indivíduo. Um dos principais meios que usamos para realizar as análises da comunidade foi levar estratégias que possibilitasse a evocação desses fatos memorialísticos. Em uma de nossas atividades do dia 14/10/2017, pedimos que cada uma, diante de uma roda com vários objetos, procurasse algum que fizesse lembrar um fato do passado, e assim nos contasse.

Uma das mulheres, enquanto pega uma miniatura de pilão, lembra a infância *difícil*, haja vista que começou a trabalhar desde cedo. A quilombola rememora a *pilação* de arroz quando criança, porém, em seguida, ressalta que apesar do trabalho, era uma época feliz. A mulher usa sua bagagem de reminiscências para dissertar o fato, usando elementos psíquicos num misto de lamento por ser uma época de dificuldade e uma alegria pelo fato de também ser momentos felizes de sua infância, indo ao encontro à ideia de Halbwachs sobre memória individual, pois as percepções que a mulher disserta são particulares, ímpares, íntimas.

Quando dos relatos orais das mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos, as narrativas feitas por elas evocam o respeito, a tradição e a forte crença quando se fala em suas religiosidades. Esse fato também conta a história da comunidade, ao passo que remonta uma tradição passada de geração em geração por intermédio tanto da prática mística quanto das narrativas orais que contam os fatos experienciados pelos descendentes dos habitantes da comunidade.

As manifestações religiosas das mulheres em Santo Antônio dos Pretos são importantes para pensarmos a identidade e a cultura de tais mulheres. Sabemos que o Brasil é misto no quesito religiosidade, dado o fato do hibridismo no país em suas épocas de colonização. As tradições indígenas foram, em certo grau, sucumbidas pela imposição do catolicismo europeu, ao passo que os escravos trazidos pelos

portugueses para o Brasil, especificamente para a região do Vale do Itapecuru, não longe de Codó, traziam suas culturas, seus costumes, seus deuses.

Beatriz de Jesus Sousa (2015) nos explicita certo sincretismo e uma maleabilidade religiosa existente na região de São Bento, visto que ocorre uma adaptação de uma cultura local das crenças religiosas dos habitantes com costumes adquiridos através do tempo. A religiosidade das artesãs de São Bento é um misto de um catolicismo menos rígido com costumes de origem africana.

Nessa perspectiva, denotamos que as mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos possuem semelhança com a análise feita por Beatriz Sousa: as mulheres santo-antonio-pretenses possuem costumes híbridos. João Batista Machado, em seu livro *Codó: Histórias do fundo do baú* (1999), traz um estudo sobre a história de Codó. O autor reconhece a importância da Comunidade Santo Antônio dos Pretos no quesito religiosidade:

Entendemos, por levantamentos e entrevistas mantidas com moradores da antiga comunidade negra, Santo Antônio dos Pretos, que a macumba, o candomblé, o **terecô**, a pajelância começaram naquela localidade e se desenvolveram em Codó. (MACHADO, 1999, p. 187, grifo nosso).

Vemos, então, que a comunidade de estudo de nossa pesquisa possui grande importância para a história de Codó, bem como para a formação da religião codoense. Porém, Machado também nos fala da diversidade contida na cidade e seus arrabaldes, em que há muitas denominações cristãs “católicas, Igreja Batista, Assembleia de Deus, Presbiteriana, Adventista do Sétimo dia, Testemunha de Jeová, Universal etc.” (MACHADO, 1999, p. 185), comprovando a ideia do sincretismo religioso na região.

O lugar em que se realizam as práticas do *Terecô* é um espaço que diz muito sobre esse hibridismo: tal espaço remonta imagens de deuses católicos, como Santa Clara e São Sebastião, assim como estátuas de deuses negros, advindos da cultura africana. É importante ressaltar que no espaço, consta também, imagens de mulheres que foram importantes para a comunidade, como se fossem canonizadas pelas mulheres da região. Assim, o ambiente em que acontecem suas manifestações religiosas propõe uma mistura de igreja cristã com o terreiro de Candomblé.

Ao passo em que fazem suas danças e cantos a tambores e palmas, as mulheres expressam sua liberdade, suas identidades e principalmente a cultura de

seu povo, vestidas de um colorido que sugere essa mistura de culturas, ou como nos disse Machado (1999) de uma forma mais poética: “Negras de saias longas, engomadas e rendadas, com turbantes presos à cabeça, colares e guias pendentes do pescoço, suadas de tanto dançar, estampavam na face da alegria dos santos de suas cabeças” (MACHADO, 1999, p. 191).

O modo como as mulheres exercem suas crenças vão além do culto aos seus deuses, mas dizem muito sobre elas, como elas se vestem, enfeitam-se, exercem seu papel em tais manifestações. As ações religiosas são dissertadas com muito respeito e afeto, permitindo-nos refletir no legado que as mulheres da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos carregam, tradições que têm atravessado gerações e que não ficam à margem nas narrativas orais das mulheres da comunidade.

Assim, os desdobramentos que condizem às identidades, culturas e manifestações das mulheres quilombolas da Comunidade Santo Antônio dos Pretos são possíveis através das narrativas de memórias destas, as quais contam mais que a história de uma mulher, mas de todo um povo.

Considerações finais

A partir das análises em torno das narrativas orais da comunidade analisada, percebemos que a memória consiste na preservação de fatos e acontecimentos resultantes de um trabalho de organização do pensamento, em processo permanente de construção e reconstrução de ideias. Dessa forma, há um reconhecimento da importância do enfoque de pesquisa envolvendo narrativas orais de mulheres quilombolas.

Assim, as narrativas orais do público feminino da Comunidade Santo Antônio dos Pretos nos possibilitaram constatar não só o papel relevante que elas desempenham, como também perceber que suas vidas são um desdobramento das de suas ancestrais, um legado consequente de circunstâncias econômicas e sociais: suas genitoras não puderam oferecer-lhes o direito à educação.

Isso tornou, de acordo com as narrativas orais, a vida das mulheres mais velhas um desdobramento da história de suas mães, avós, tias e madrinhas, vida que se resume na labuta diária do trabalho doméstico que se reveza com as atividades de subsistência, como o quebrar coco, o descascar mandioca, o pilar arroz, trabalhos que ainda marcam seus cotidianos. As mulheres carregam, também, a herança de terem

uma prole numerosa, 8, 10, 12 filhos, muitas sem maridos, tendo que assumir, sozinhas, a dupla jornada. No entanto, isso não lhes inviabiliza o brilho no olhar, a vontade de viver e de encontrar felicidade nos encantos das vivências, ainda que a vida lhes ofereça tão pouco, considerando a nossa visão turva do mundo capitalista.

Sob esse aspecto, as mulheres mais jovens que permanecem na comunidade são aquelas que cedo tiveram o curso de suas vidas modificadas pela maternidade e que, por sua vez, têm seus destinos traçados pelo legado de gerações anteriores. Constatamos que as mulheres são atuantes na comunidade, tendo em vista a crença de que a ajuda na renda familiar, na criação e na educação dos filhos é de competência de ambos os sexos, embora sejam poucos os companheiros que se envolvem nessas funções.

Concluimos que as narrativas de memória das mulheres da Comunidade Santo Antônio dos Pretos estão ligadas à origem do grupo, aos costumes e às tradições, bem como às relações que estabelecem com o mundo que as circundam, envolvendo suas antepassadas, muito respeitadas e valorizadas, através de seus rituais memorialísticos. São vivências que ganham estatuto de conhecimento e caminham junto com a história social do lugar e que são reafirmadas por meio das narrativas orais.

Assim, o resgate do vivido, por meio do processo de rememoração, conjuga fatores sociais, de tal modo que nos possibilitou pensar sobre anseios e perspectivas de vida das mulheres, conferindo uma materialidade observável na forma de potencialidades da linguagem, bem como na visão de mundo de suas narradoras, as quais não se eximem em remontam a sua cultura, seus costumes e a visão de si mesmas por meio dos relatos orais sobre suas vivências, em torno das formas de identidade e cultura de um povo que se expressam entre o vivido, o lembrado e o narrado.

Referências

BARZANO, Marco Antônio Leandro. Griôs africanos: inspirações para uma performidade e invenção pedagógica. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 32., 2009, Caxambu.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

DOVE, Nah. Mulherisma africana: uma teoria afrocêntrica. *Jornal de Estudos Negros*, v. 28, n. 5, p. 515-539, 1998.

FIABANI, Adelmir *et al.* *Do pilão ao batom: histórias de mulheres quilombolas*. Curitiba: CRV, 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2012.

MACHADO, João Batista. *Codó: histórias do fundo do baú*. Codó: FACT/UEMA, 1999.

MAESTRI, Mário. Pampa negro: quilombos do Rio Grande do Sul. *In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). Liberdade por um fio: histórias dos quilombolos no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 291-331.

SOUSA, Beatriz de Jesus. *Tramas de gênero: um estudo sobre mulheres que tecem redes de dormir*, em São Bento – MA. São Luís: EDUFMA, 2015.